



Mário César Fernandes

Ilustrações João Bosco

As crônicas de Ghorn



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Governador
Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação
Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação
Rita de Cássia Tavares Colares

*Coordenador de Cooperação
com os Municípios (COPEM)*
Márcio Pereira de Brito

*Orientadora da Célula
de Apoio à Gestão Municipal*
Gilgleane Silva do Carmo

*Orientador da Célula
de Fortalecimento da Aprendizagem*
Idelson de Almeida Paiva Júnior

*Orientadora da Célula
do Ensino Fundamental II*
Ana Gardennya Linard Sírío Oliveira

*Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão*
Kelsen Bravos

Projeto e Coordenação Gráfica
Daniel Dias

Design Gráfico
Emanuel Oliveira
Eduardo Azevedo

Revisão Final
Marta Maria Braide Lima
Sammya Santos Araújo

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Sammya Santos Araújo
Antônio Êlder Monteiro de Sales
Sandra Maria Silva Leite
Antônia Varele da Silva Gama

Catálogo e Normalização
Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F363c Fernandes, Mário César.

As crônicas de Ghorn / Mário César Fernandes; ilustrações de João
Bosco. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

108p. il.

ISBN 978-85-8171-231-4

1. Literatura infantojuvenil. I. Bosco, João. II. Título.

CDU 028.5



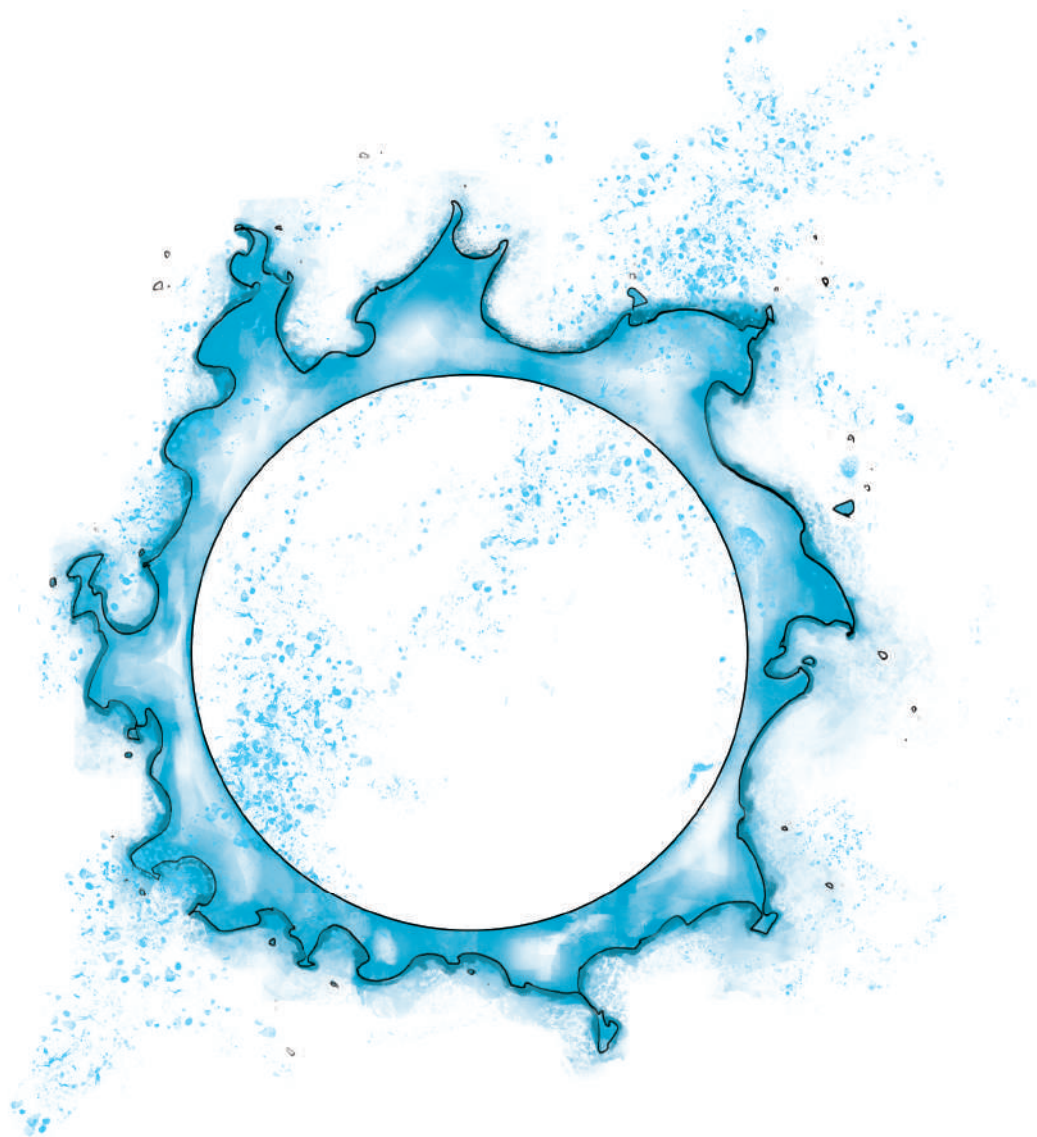
**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325
(Todos os Direitos Reservados)

*Ao meu afilhado JOÃO VINÍCIUS e aos meus
irmãos CAIO CESAR e IGOR LUÍS
que inspiraram esta história e que me motivam a
continuar sonhando com um mundo
melhor através dos livros e boas histórias.*

SUMÁRIO

PESADELOS	7
O CARINHA DO LAGO	22
SOMBRAS REAIS	33
DE VOLTA AO LAR	46
O DUELO DE RHAG	57
O ATAQUE A GHORN	67
O ESCOLHIDO DO FOGO	77
ASGHORTEIN	83
A ILHA	97



CAPÍTULO I

PESADELOS

O inverno se aproximava mais uma vez. E mais uma vez os jovens guerreiros, treinados durante o ano, se preparavam para mais um Duelo de RHAG. O combate, tão esperado por aqueles que queriam crescer, que escolheria os dez jovens mais bravos da cidade.

Na cidade de GHORN, reinava a profecia do "escolhido do fogo". Todos os anos era feito um torneio onde o vencedor deveria ir à montanha do fogo e de lá trazer uma TARK que eram pedras que, segundo a lenda, eram ovos do grande e impiedoso dragão de ASGHORTEIN. Lá, também, deveria fazer o círculo do fogo. Um ritual que manteria o dragão no seu sono, evitando, assim, que ele despertasse e devastasse GHORN.

Para muitos, isso era só uma lenda. Mas GHORN celebrava a profecia do escolhido com muita festa, além de ser uma forma de pedir proteção aos deuses. Era também como um ritual de passagem dos jovens da ci-

dade que, a partir daquele momento, estavam prontos para se tornarem homens e grandes guerreiros.

O jovem Asthlor nunca teve pretensão de participar desse duelo. Era desligado dos assuntos sobre combate. Seus pais dariam o tempo que fosse necessário até ele se decidir e se acostumar com seu novo lar. Assim, ele passava o dia no campo, ajudando com os afazeres diários.

Naquela manhã, acordara de um pulo. Um pesadelo o tirou da cama e rondou sua cabeça, durante todo o dia, até o fim da tarde. Quando terminou de ajudar seus pais, resolveu relaxar corpo e mente no rio que corria a alguns quilômetros de sua casa. No percurso até o rio, brincava de jogar pedras em alvos escolhidos por ele: galhos, pedras, e tudo o mais que achasse que serviria de alvo.

Apesar de desligado, Asthlor sentiu uma presença estranha, como se algo o observasse de longe. Mas logo percebeu que isso poderia ser por conta do pesadelo que teve, pois olhou em volta e não viu nada. Já perto do rio, o jovem correu em direção do mesmo, se livrando de suas vestes e se jogando

nas águas claras e límpidas do Rio Kani. Enquanto Asthlor nadava e se divertia no rio, um par de olhos no meio da mata o observava como se estivesse procurando algo.

Asthlor continuou nadando. Seu observador admirava o corpo atlético do rapaz e só se deu conta que ele estava nu quando o mesmo mergulhou. Baixou a cabeça, deu um leve sorriso envergonhado e se afastou. O garoto emergiu, sentindo mais uma vez a presença estranha. Algo que o incomodava. Olhou em volta, não percebeu nada, além da mata densa e das grandes árvores que agora agitavam sua copa por conta de uma grande ventania repentina. Já ia se preparar para atravessar o rio e pegar suas roupas que ficara na outra margem, quando de repente, algo o puxa para baixo. Asthlor se debate embaixo d'água, tentando se livrar daquilo que o pegara de surpresa. Todas as tentativas são em vão. Ele já está ficando cansado e sem ar.

Max acorda sem fôlego, fazendo grande barulho, como se tivesse tendo um surto de apneia do sono. A aula é interrompida. Seus colegas de classe riem muito. Max percebe que dormiu na aula mais

uma vez. E, mais uma vez, teve outro pesadelo.

— Asthlor Maxwell! Precisamos conversar! Muito bem, classe, sem brincadeiras. Quero todos em silêncio!

A molecada não perdoa e ficam fazendo piada, imitando alguém sem fôlego. A professora Durval continua pedindo silêncio. Max continua quieto, em sua cadeira, bem na frente da sala, ouvindo as risadas e os sons da falta de ar. Mas logo seus pensamentos se perdem e se voltam ao pesadelo. Max agora percebe que em suas mãos estão um colar e um pingente molhado.

— Max! MAX!

A voz firme da Professora Durval traz Max de volta à aula. Ele guarda sutilmente o colar em seu bolso e tenta recuperar o que perdeu da aula de matemática. Apesar de gostar muito da matéria, não estava conseguindo se concentrar em nada. Sabia que já ia levar uma bronca da professora depois da aula. Mas, no momento, o que o preocupava mesmo era como aquele colar veio parar em suas mãos.

Asthlor Maxwell nunca tivera muitos amigos.



É um bom garoto, educado, beneficiado geneticamente com seus 1,73 cm bem distribuídos. Mas apesar de seu porte atlético e aparência apresentável, Max nunca fez sucesso com as garotas nem com ninguém. Sua rotina era, agora, as 10 horas que passava no colégio, já que havia passado no exame de seleção para uma escola de tempo integral de sua cidade. Já estava com 15 anos e cursando o 1º ano do ensino médio. Em casa, curti jogos de luta e quando não estava treinando, para compensar a má sorte com as garotas, estava nas redes sociais, puxando assunto com desconhecidas, geralmente de outras cidades. Era um garoto normal, com uma vida normal, sem muitas aventuras.

Após a aula, a professora Durval conversou com Max e foi bem clara quando disse que se aquilo se repetisse, ela seria obrigada a chamar os pais dele. Isso seria um grande problema, pois os pais de Max não viviam muito bem e ele seria mais um motivo para brigas.

A possibilidade de seus pais terem que ir à escola preocupava Max. Já fazia um tempo que os pesadelos vinham acontecendo e ele não tinha

nenhum controle. Não sabia por que nem como. Só sabia que, com certeza, iria acontecer de novo. Pensou nos seus pais e como iriam reagir. Sentiu-se desapontado consigo mesmo. Colocou as mãos nos bolsos e lembrou-se do colar. No caminho de volta para casa, sua cabeça foi inundada de pensamentos que o perturbavam. Pensava em seus pais indo até a escola, sua mãe brigando com seu pai por causa da bebida, brigando com ele pelo comportamento na aula da professora Durval, sobre quem o estava observando quando estava no rio e o que o puxara tentando afogá-lo e por que, de um tempo para cá, esses pesadelos estavam tão frequentes. E ainda tinha o colar. Como aquele colar veio parar nas mãos dele?

Chegando em casa, livrou-se da mochila e da farda da escola, colocou um calção e foi treinar. Algum dia teria uma garota e até lá queria estar preparado. Abdominais e flexões. 200 de cada, distribuídos em séries de 20. Terminado o treino, um bom banho para relaxar. A água fria bate em seu rosto lembrando-o da água do rio Kani que tanto aparecia em seus sonhos. E, com a lembrança, o sentimento de estar sendo observado.

“Que bobagem, Max. Você está em casa”, pensou ele. E começou a cantarolar uma de suas músicas favoritas e a brincar de fazer penteados com o shampoo e a fazer do sabonete microfone. Arriscou até uma sacodida no corpo, mas não pareceu com nada de dança. Talvez só para ele. Era muito desengonçado e engraçado, mas ali estava ele e seu mundo. Não tinha motivo para vergonha.

Seus pais estavam no trabalho. Seu pai era frentista e sua mãe advogada. Max “meio que” aprendeu a se virar sozinho. Já estava acostumado. Fez um lanche rápido: presunto, mussarela, manteiga, pão. Ainda tinha suco na geladeira. Depois, foi para o seu quarto. Havia trabalho para casa, da professora Durval e ele não podia nem imaginar em ir para a escola, no dia seguinte, sem que todas as atividades estivessem prontas. O fato de seus pais serem chamados à escola por sua culpa martelava em sua cabeça e ele não queria, jamais, que tal possibilidade se tornasse real. Porque aí sim, seria um terrível pesadelo.

Faltava pouco agora. Só mais algumas questões e estaria livre para brincar com o vídeo game. Tudo

corria bem. Até que Max escuta um barulho. Ele para, aguça o ouvido, tentando escutar melhor. Se levanta, vai até a sala. Abre a porta e continua andando.

Max está caminhando na floresta em direção ao rio perto de sua casa. Vez ou outra, tem a impressão de estar sendo vigiado. Apanha umas pedrinhas e as arremessa em árvores, pedras e tudo o mais que possa servir de alvo. Chegando ao rio Kani, ele corre em direção às águas, livrando-se de suas roupas.

Um par de olhos curiosos esgueira-se na mata densa, sem perder o jovem Asthlor de vista, até perceber que o mesmo estava sem roupas. Então afasta-se. Sem saber que também estava sendo vigiado, é surpreendido por algo que o agarra, segurando forte e impedindo-o de gritar.

Sofia acorda de um pulo. Olha em volta. Dormiu mais uma vez na aula. E mais uma vez tivera um sonho com o mesmo garoto, tomando banho pelado no rio. “Pelo menos algo bom, comparado aos “outros” pesadelos”, pensou ela. Ainda tinha mais umas horas na escola, antes de voltar para casa, que para ela, era a hora mais chata, pois nunca sabia se iria

chegar em casa e os seus pais iriam estar bem ou travando mais uma batalha épica.

Não tinha muitas amigas. Talvez porque estivesse preocupada com o seu futuro, em vez da escolha da roupa perfeita. Ou melhor, do batom ou penteado, já que passava 10 horas na escola, o que significava 10 horas com aquela farda que todas as outras garotas achavam ridícula. Será que ela era a única que gostava daquela farda? Talvez sim. E gostava muito, pois assim não teria que se preocupar com “look”, estilo ou como alguns chamavam: “swag”. Acordava, banho, café da manhã e farda. Isso mesmo, farda! Não tinha que escolher nada. Isso a deixava muito feliz.

Sofia não era nada popular. E apesar das formas, que poderiam atrair os garotos, seu “swag” não era nada atraente. Era bem diferente das outras garotas de sua sala e até da escola. Gostava de games e curtir séries. Mas não as séries de romances açucarados das adolescentes de sua idade. Não gostava da escola e torcia para que tudo aquilo mudasse um dia. Talvez a frustração da escola e a situação em casa fossem os motivos que desencadeassem os tais pesadelos.

No caminho de volta para casa, o de sempre, ônibus lotado. Capital é fogo! Em casa estava tudo tranquilo, pelo menos naquela noite. Sofia sabia que a situação estava insustentável e que logo, logo, seus pais iriam se separar, provavelmente, sua rotina mudaria de uma forma ou de outra. Só estava em dúvida se essa era a mudança que ela tanto queria. Foi para o quarto, colocou os fones e tentou aproveitar o momento, já que, aparentemente, tudo estava tranquilo.

Abriu os olhos, aflita, tentando se livrar daquilo que a agarrara. Tentou gritar, mas a mão que a segurava era muito forte. Ela foi arrastada para longe dali. Mesmo sabendo que não tinha tanta força, ela se debatia. Sofia não desistia nunca. Aquilo que a segurava tentava não machucá-la. Então ela percebeu e parou de se debater. Sentiu que a mão que a agarrava, afrouxou, então ela aproveitou para se livrar dando uma cotovelada e saiu correndo, sem destino, em meio à mata. Sabia que estava sendo perseguida até que parou de uma vez. Olhou em volta. Estava num lugar que não conhecia. A mata agora parecia assustadora. Ela sabia que não estava

sozinha e também sabia que o que estava por vir, não era o que a agarrara minutos antes perto do rio.

Uma névoa escura começou a se espalhar e a tomar conta da mata. Parecia brotar da terra. Sofia sabia que a névoa trazia, com ela, um presságio de coisa ruim. O medo tomou-lhe conta e ela viu, pela primeira vez, os olhos vermelhos que a névoa trazia e avançava em sua direção. Eram muitos e estavam cada vez mais perto.

Um círculo de névoa escura se fechou ao redor de Sofia. O pavor dominava todo o seu corpo. Foi então que o ataque foi confirmado, e o círculo se fechou em torno dela.

Ela abriu os olhos. Ainda assustada, até perceber as paredes do seu quarto. Tudo em ordem e no seu lugar. Respirou fundo. Apenas mais um pesadelo. “Onde está o garoto do rio?”, pensou ela. Retirou os fones, levantando-se da cama. Um bom banho cairia bem.

Abriu o chuveiro e deixou a água fria cair em seu corpo imóvel, procurando relaxar. Tentou não pensar em nada. Apenas queria aproveitar o mo-

mento. Olhos fechados. Procurou sentir a água batendo no rosto como se curasse o cansaço diário. Não sabe quanto tempo passou embaixo do chuveiro, mas teve a impressão que demorou muito, muito mais do que o habitual.

Enrolou-se na toalha, abriu a porta do banheiro. Percebeu, antes de entrar no quarto, uma leve névoa. Cerrou os olhos e os abriu novamente. “Você está começando a ver coisas, Sofia”. Trocou de roupa. Sentou na cama. Pensou duas vezes antes de se deitar. Respirou fundo. Fechou os olhos.

Foi surpreendida por algo que se lançou em sua direção, arremessando-a para longe do círculo das criaturas. Os dois rolaram uma ribanceira, não muito alta. Ela pôde perceber um garoto, que não sabe por que, pareceu-lhe baixinho, em cima dela.

— Saia de cima de mim! — gritou ela.

— Claro! Não vou esperar aquelas coisas virem atrás de nós.

Ele se levantou e estendeu a mão para Sofia. E quando iam se preparar para correr, perceberam um forte clarão que dissipou toda a névoa escura.

Ouviram gritos, rasgando a mata, das criaturas afugentadas. Era ensurdecedor.

Acordou com um grito esganiçado, rompendo seus ouvidos. Mais um pesadelo! Pelo menos dessa vez estava em casa. Já não se assustava com as criaturas que invadiam seus sonhos. A única coisa que o incomodava era não controlar o sono.

Jack era um baixinho de 1,65 cm e que tinha um sério problema quando se tratava de vida social. Era fanático por games, animes e séries. Morava em uma pequena cidade há poucos quilômetros da capital e passava o dia na escola. Era introspectivo e também não era de muitas palavras. A não ser que tivesse bastante confiança. Há algum tempo começou a ter pesadelos. Achou que fosse por conta dos jogos e filmes que assistia. Seus pais passavam o dia fora. Sua mãe era professora de uma escola infantil particular e seu pai era funcionário público. Viviam bem. Jack estava com 15 anos e cursava o 1º ano do ensino médio.

Tomou banho. Depois procurou o anime que estava acompanhando. Iria assistir alguns episódios,

antes de ir estudar matemática. As provas estavam se aproximando e ele não podia ficar com notas baixas. Depois iria dormir, pois as 10 horas diárias da escola estavam ficando cansativas.



CAPÍTULO II

O CARINHA DO LAGO

Max dormiu bem, naquela noite. Mais um dia começava e ele seguiu a mesma rotina de sempre. Estava usando o colar com o pingente que parecia uma rosa dos ventos. Olhou no espelho. Já estava pronto para mais um dia de aula.

Depois do almoço, Max aproveitou para tirar um cochilo.

Estava cansado da labuta. Ajudar seus pais no campo e com os afazeres domésticos o deixavam muito cansado. Seu pai resolveu conversar com As-thlor, orientado pelo sábio ancião.

— Filho, está na hora de você se tornar um homem. Em poucos meses, acontecerá o Duelo de Rhag. Quero que se prepare, pois você vai participar desse duelo.

— Mas como vou participar, meu pai? Eu não tenho habilidades para batalha.

— Mas vai ter, filho. Vai ter.

A mãe de Asthlor estava preocupada, pois sabia o que podia acontecer. Mas também sabia que seu filho não podia mais se esconder. Ele tinha que ser preparado. Fazia pouco tempo que ele havia retornado. Desde que ele foi levado, ainda bebê, que ela sabia do destino do filho. Com a chegada da adolescência muitas mudanças estariam para acontecer.

A surpresa que Asthlor teve, ao voltar do rio, o deixou apreensivo. Mas na pequena Ghorn ninguém podia contrariar o vidente ancião. E se ele decidiu que o jovem filho de Maxwell devia participar... não seria ele que iria ser contra, mesmo sabendo que ia ser um vexame, pois, decididamente, batalhar não era o seu forte.

Asthlor era apenas um jovem camponês que nunca se interessara pelo Duelo de Rhag. Mas talvez chegasse a hora de crescer. Hora de mudanças. Sabia que tinha que recuperar o tempo perdido. O duelo era daqui a alguns meses. Asthlor teria que treinar pesado, sem perder o foco. Seria um momento importante para sua família. E, se ganhasse, seria uma forma de honrar a memória do seu irmão, Oschivi, morto de forma estúpida nesse mesmo duelo.

O garoto acordou com o barulho do sino, anunciando o início das aulas do período da tarde. Foi para a aula confiante, aula da professora Durval. Estava com as atividades todas em dia. Agora era fazer de tudo para não dormir na aula, já que havia tirado um bom cochilo no almoço e principalmente porque não queria ver seus pais tendo que ir à escola por conta de mal comportamento.

No meio da semana teve algo novo em sua sala: dois alunos novatos. Uma da capital e outro do interior. O baixinho tinha um jeito daqueles garotos que se acham, para não chamar de exibido. Só que era caladão. Já a garota era uma *nerd*. E como não podia deixar de ser, era esquisitona. Asthlor não sabia nada ainda sobre eles. E talvez não quisesse saber.

Naquele dia, na hora do almoço, o tempo mudou. Parecia que uma grande tempestade ia cair. Os novatos estavam na cantina. Havia um lugar ao lado deles. Então Asthlor foi até lá. Apresentou-se e tentou lembrar os nomes deles.

— Você é... So... Sofia — falou ele.

— E você é... Jackson. Prazer! Eu sou Asthlor.

Jack apenas olhou e depois se voltou para a comida.

— Senta aí — falou Sofia.

— É...eu sempre me sento aqui. É a mesa mais escondida de todas.

Juntou-se a eles. Os novatos estavam quietos, apenas comiam. Então Asthlor rompeu o silêncio.

— Vocês vão gostar daqui. É um pouco cansativo passar o dia todo na escola, pode ser meio entediante. Mas... às vezes é bem legal. A comida é muito boa. Os banheiros nem tanto. Tem muita gente legal aqui e...

— Você tem amigos? — perguntou Sofia, sem mostrar interesse em conversar.

— Bom... eu... tenho. Alguns.

— E onde estão eles? — metralhou Jack.

Asthlor baixou a cabeça e entendeu que devia ficar calado. Continuou o almoço sem falar mais nada. Jack estava sentado ao lado de Sofia. Nenhum dos dois tinham olhado para Asthlor que estava na frente deles. Depois que acabaram, cada um saiu para o seu canto. Só se viram novamente na aula.

No dia seguinte, Asthlor chegou cedo. Não por-

que tivesse tido algum pesadelo. Mas tinha acordado motivado para ir para a escola. Foi o primeiro de sua classe a chegar. Minutos depois alguns outros foram chegando e depois ela. Asthlor sentiu algo estranho naquela garota. Algo maior que ele. Não estava apaixonado, isso não. Mas quando ela entrou na sala sentiu seu coração pulsar mais forte e um nervosismo somente comum quando tinha apresentação para fazer na frente de todo mundo. Ela se aproximou. Ele estava petrificado, olhando ela vir em sua direção. Ela olhou para ele e teve uma leve impressão que já o conheceria. Ela se sentava no fundo da sala. E isso o deixava ainda mais nervoso. O sino toca. A aula ia começar.

No caminho do almoço, Sofia lembrou:

— O carinha do lago! — disse ela.

— O quê?!! — perguntou Jack.

Foi então que ela olhou para Jack e também lembrou.

— Espere, eu acho que já o conheço de algum lugar...

— Você deve tá maluca.

— Da floresta. Você é o cara da floresta. Você me arrastou pra longe do lago e...

— As criaturas da neblina vieram atrás de nós – falou ele, lembrando do sonho.

— Como isso...

— O que você estava fazendo ali?

— Eu... eu estava... olhando ele.

Sofia apontou para Asthlor que já vinha com seu almoço em direção à mesa do canto. A mesma mesa afastada de todos. Tanto Sofia quanto Jack estavam confusos. Pegaram a fila do almoço e depois se dirigiram para onde estava Asthlor.

— Você é o cara — disse Sofia, sentando-se no mesmo lugar do dia anterior. Jack também fez o mesmo.

— Na verdade, não. Eu não sou popular. E vocês tinham razão. Eu não tenho amigos.

— Não é disso que estamos falando — disse Jack.

— Você é o cara do lago.

— Quê? Asthlor não estava entendendo nada.

— Você — continuou Sofia — você é o cara do lago.

— Do que vocês estão falando?

— Eu vi você tomando banho pelado no rio, tá bom? Era você.

— Espere aí. Eu não tomo banho pelado em rio, tá bem?

— Claro que era você!

— Claro que não!

— A marca.

— Quê?!!!

— Você tem uma marca no traseiro.

— Espere aí! Como...

— Ela está falando do sonho — disse Jack.

— Pesadelo! — disse, imediatamente, Sofia.

— Do que que vocês estão falando?!!

— Olhe, parece estranho, mas você deve ter tido algum pesadelo, tomando banho em um rio. Eu estava lá também. Eu vi você. Foi então que ele che-

gou e me tirou de lá e aí fomos perseguidos pelas sombras da neblina...

— E eu fui puxado para o fundo do lago — disse Asthlor, lembrando do sonho que o perseguia a dias.

Asthlor estava lembrando agora. E estava se perguntando como aquilo era possível? Três pessoas haviam tido o mesmo sonho. Aquilo parecia loucura, mas se fosse, como ela sabia do banho do lago no meio da mata? Era ela a presença estranha que ele sentia observando-o?

— Tivemos o mesmo sonho — falou Sofia, rompendo o silêncio.

— Você me viu pelado?!! — falou Asthlor envergonhado.

— Relaxe. Eu salvei ela antes disso.

— Num salvou não! Quer dizer... eu... olha foi só um pesadelo idiota, tá?

Olharam-se e depois continuaram seu almoço, mas Asthlor ainda estava confuso. Quando terminou, se levantou e antes de sair disse:

— Eu não tenho nenhuma marca.

— Ah, tem sim — respondeu Sofia.

Asthlor saiu. Jack fitou Sofia.

— Que foi? Ele tem, sim, uma marca no traseiro.

Terminaram de almoçar. Procuraram Asthlor. Ele estava na arquibancada, bem no canto da quadra. Era lá que ele costumava cochilar depois do almoço. Mas, naquele dia, não estava conseguindo. A ideia dos novatos sonharem o mesmo sonho parecia loucura. Não poderia ter sido coincidência.

— Olhe, pode ter sido apenas coincidência — falou Sofia, que acabara de chegar com Jack.

— Acho que quero ficar sozinho — disse Asthlor, ainda intrigado com toda aquela situação.

— Cara, eu entendo que tudo isso é muito estranho, mas não podemos negar que os sonhos aconteceram.

— Esse pesadelo sempre se repete — disse Sofia, sentando-se na arquibancada — uma vez eu tive a impressão de ver a neblina escura no meu quarto.

— Eu sempre acordo com o clarão na mata. E tem dias que eu escuto o barulho das criaturas. É perturbador.

— Eu acordo sem ar – disse Asthlor, agora sentando-se.

Um tempo de silêncio. Todos estão confusos e curiosos para saber o motivo dos três compartilharem o mesmo sonho. Pode apenas ter sido uma coincidência. Uma grande coincidência. Foi isso. Combinaram que não falariam mais naquele assunto. Tentaram conversar sobre outras coisas. A partir dali, selava-se uma amizade que os ligaria por terras longínquas. Asthlor não estava mais só. Agora ele podia contar com a garota estranha e o cara não muito simpático e de poucas palavras. Nada mal para quem não tinha amigos até então.

No fim da aula todos voltaram para casa. Asthlor fez o mesmo treino, mas dessa vez com mais vontade. Estava feliz por seus novos amigos. No final, como de costume, olhou-se no espelho e lembrou-se do que a garota nerd havia dito. Sabia que aquela era a única parte do sonho que não era verdade. Mesmo assim resolveu conferir. Baixou o short e... estava lá. A marca que a garota estranha havia falado. Tudo aquilo não fazia sentido e Asthlor não

sabia o que pensar. Nunca, em toda a sua existência, tinha percebido aquela marca. Isso, talvez, porque ela não existia. Mas agora estava lá e ele estava acordado. Não era nenhum pesadelo. Era uma marca avermelhada que lembrava uma serpente talvez. Ficou olhando curioso. Tudo aquilo não fazia sentido. Não mesmo!



CAPÍTULO III

SOMBRAS REAIS

Mais um dia se inicia. Asthlor aguardava os amigos, no portão da escola, apreensivo. Queria saber como havia sido a noite anterior. Eles chegam e demonstram a mesma ansiedade.

— Vocês também sonharam?

Os dois se olharam como se confirmassem, sem querer, a pergunta de Sofia.

— O que vocês sonharam? — perguntou Asthlor.

— As sombras. Nos perseguiram pela escola — falou Jack.

— Isso é loucura — disse Sofia — o que está acontecendo?

— Coisas estranhas acontecem a todo momento. Deve haver alguma explicação. Com certeza tem! — afirmou Jack, sem dar muita importância.

— Estamos conectados através dos sonhos. Isso é incrível! São apenas pesadelos, mas de alguma forma estamos conectados.

Sofia falava com muita empolgação. E mesmo se tratando de pesadelos terríveis, o fato dos três estarem ligados a deixava muito interessada no assunto.

Os três seguiram para sala de aula. E mesmo sendo apenas pesadelos, os três não conseguiram manter a atenção na aula. Tudo o que sonharam, na noite anterior, voltava na mente dos três. Asthlor então pensou que fosse melhor contar. Talvez não se tratasse apenas de pesadelos. E se eles se tornassem reais? Olhou para o pulso. A marca ainda estava lá. Os dedos das criaturas da neblina tatuados no pulso como se tivessem sido marcados por fogo. Será que iria ficar com aquilo no pulso como uma cicatriz? Não iria conseguir esconder por muito tempo. No horário do recreio iria contar para seus amigos.

Já estava quase no fim da primeira aula, quando a secretária da escola chega na sala, conversa com o professor de Português, Silas, e depois sai. Ele entra na sala.

— Asthlor, Sofia e Jackson. O diretor quer vê-los na secretaria agora.

Todos ficaram olhando para os três. E eles podiam pensar o que se passava na cabeça deles, imaginando o que poderia ter acontecido. Asthlor ficou temeroso, pois sempre que um aluno era chamado na diretoria geralmente era porque havia aprontado algo. Mas desta vez, ele tinha certeza de que não tinha feito nada. Ficou surpreso, sem saber o que acontecera.

Os três se levantaram e caminharam de encontro à porta, sob os olhares dos colegas. Alguns riam provavelmente se divertindo com aquilo. Outros surpresos. Asthlor até entendia, mas os novatos não haviam feito nada. Ainda.

Lá fora nuvens carregadas fechavam o tempo, anunciando uma tempestade repentina. Tudo ficou nublado e escureceu de repente. Trovões ecoavam como se os deuses estivessem bravos com a humanidade. Na sala, o professor tentava continuar sua aula.

No corredor que levava até a sala da direção, Sofia sentiu um calafrio e parou. Os outros pararam também.



— Vocês lembram? — falou ela.

— De quê? — perguntou Asthlor, virando-se para Sofia.

Jackson também parou e observou em volta. Enfim falou:

— Não pode ser. Estamos dormindo?

— Dessa vez parece que é real — respondeu Sofia.

— Dessa vez eu não quero esperar — falou Asthlor, segurando no pulso.

Os três olhavam para uma neblina escura que começava a invadir o ambiente. Olhavam sem acreditar naquilo. Boquiabertos. Estava acontecendo de novo e então começaram a correr para a saída. Enquanto corriam, podiam ouvir o som das criaturas que saíam de dentro da neblina escura. Começava a chover lá fora, uma chuva torrencial, nunca vista antes. E os trovões agitavam os céus, sem trégua!

— Vá, vá, VÁ!!! — gritava Jack, que estava logo atrás dos colegas.

— O que está acontecendo?!!! — gritou Asthlor.

— Não vai querer saber! — disse Jack.

Conseguiram descer as escadas, mas as criaturas já estavam bem perto. Sofia tropeça e cai. Asthlor e Jack voltam para ajudá-la, já é tarde. As criaturas os cercam. Uma delas segura o braço de Asthlor que estava na frente de Sofia para protegê-la. Ele se rebate, tentando livrar-se. Jack ajuda Sofia a se levantar.

— Me largue!!! — gritava Asthlor, ainda em desespero. Seu braço começa a fumaçar como se estivesse sendo queimado e ele grita muito.

Seria o fim se o zelador não tivesse aparecido? Um forte clarão ofusca todo o corredor próximo à saída. A neblina escura se espalha por todo o lugar. As criaturas esganiçam um grito de pavor que se mistura com os trovões e os gritos dos alunos, também assustados, que agora começam a sair das salas de aulas. A escuridão da neblina vai se dissipando, mas a escola ainda continua na escuridão. Está sem energia. Os alunos procuram se proteger da forte ventania. Estão todos assustados, pois nunca tinham visto aquilo. Talvez nem em filmes.

O zelador leva os três para um lugar seguro. O quarto onde guarda todo o material de limpeza.

— Aqui estarão seguros. Fiquem quietos, está bem? — falou ele.

E saiu. De dentro do quarto escuro pode-se ver uma luz vinda de fora em volta da porta. Eles ficaram quietos sem saber o que estava acontecendo lá fora. Apenas ouviam os gritos dos alunos. Alguns por medo, outros por baderna. já não se escutava mais os trovões e, como num passe de mágica, a tempestade parou, assim de repente. A energia voltou. Na correria, alguns alunos acabaram caindo e se machucando. Foram levados então para a enfermaria. Aos poucos, as coisas foram voltando ao normal.

Depois que as coisas se acalmaram, as aulas voltaram, mas os professores encontraram dificuldade, pois os alunos só estavam focado na tempestade e mesmo insistindo para que eles prestassem atenção, era inevitável fazê-los parar. Alguns ainda estavam na enfermaria, ou melhor, como eram muitos, foram levados para o auditório e ficaram lá à espera de atendimento. Vários se queixavam de dores no ouvido, outros eram porque tinham caído no tumulto e outros ainda porque estavam assustados.

— Acho que vem vindo alguém — falou Sofia.

— Até que enfim.

Asthlor só conseguia pensar no que teria acontecido lá fora.

A porta finalmente se abre. A luz invade como se estivesse rasgando o espaço e arde nos olhos dos três.

— Já podem sair agora.

Eles suspiraram aliviados. Era o zelador.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Asthlor, cismado ainda.

— Não se preocupem. Elas não vão voltar. Pelo menos não agora.

— Espere. A gente estava dormindo, não era? Como viemos parar aqui? — Sofia estava curiosa em saber.

— Acho que dessa vez não — falou Jack, como se estivesse entendendo o que tinha acontecido — acho que dessa vez foi de verdade.

— Mas não é possível! — Sofia não podia concordar com aquilo.

— O sonho, lembra? — continuou Jack — nós sonhamos com isso ontem, as criaturas nos perseguindo na escola.

— Mas foi só um pesadelo!

— Era, Sofia. Mas dessa vez foi real. O que nós sonhamos aconteceu.

— Eu só me lembro delas nos perseguindo pelos corredores da escola — Sofia ainda sem acreditar — isso é... loucura.

— Talvez o Jackson esteja certo. Vejam — e mostrou a marca no braço.

— Isso foi agora? — Sofia falou espantada e com uma ponta de preocupação, olhando o pulso de Asthlor e tocando na cicatriz com cuidado.

— Na verdade, está desde ontem.

— Desde ontem? Como assim? — perguntou mais espantada ainda.

— Eu não sei explicar, mas quando sonhamos, ontem, eu acordei com isso. De alguma forma, eu consigo trazer coisas desses sonhos.

Sofia continuava incrédula, enquanto Jackson ouvia e ficava pensativo, analisando tudo. Asthlor continuou:

— Certa vez, eu acordei do sonho do lago e pude sentir o cheiro da mata. E outra quando acordei sem ar na aula da professora Durval, eu estava com um colar em minhas mãos. Achei que fosse alguém tentando pregar uma peça.

— Por isso que as criaturas vieram — disse o zelador que até então estava só ouvindo a conversa dos três — você não está com o colar agora. Ele lhe foi dado para que pudesse despistar as criaturas.

Sofia estava surpresa e:

— Espere aí, você sabe o que são aquelas criaturas? Você sabe o que está acontecendo?

— Não seja tola. Ele é só o zelador — disse Jack, menosprezando o homem que os ajudou.

— Aquelas criaturas são Dhorblins, criaturas das sombras. E sim, eu sei o que está acontecendo.

— Tome, bestão! — disse Sofia para Jack, tentando zoar com ele.

— Eu vou contar tudo para vocês, mas primeiro, Asthlor tem que ir para o auditório. E você também Jackson. O seu braço vai pegar ponto. Os alunos com algum problema causado por conta do tumulto estão sendo atendidos lá.

Asthlor sai ainda segurando no pulso. Sofia o segue. Jack irritado e antes de ir, sussurra, tentando estancar o sangue, imitando o zelador:

— Aquelas criaturas são Dhorblins.

No caminho do auditório, eles conversam sobre o sonho da noite anterior.

— Eu lembro que no sonho essas... sei lá como se chama... esses... bichos...

— Aquelas criaturas são Dhorblins — disse Jackson, juntando-se a eles e ainda imitando o zelador.

— Então... Esses Dhorblins, eu lembro, que nos cercavam, mas eu acordei e não lembro de mais nada. Mas tive a sensação de que a neblina escura estava no meu quarto. O que esses Dhorblins querem? Ele disse que eles vieram atrás de você? — disse Sofia para Asthlor.

— Espere aí gente, vocês não vão acreditar na conversa de um zelador, né? Ele só está querendo nos assustar. Ele... é só um zelador.

— Qual é o seu problema, Jackson? Qual o problema de ser um zelador? Você se acha melhor por isso?

Sofia estava irritada. Mas já tinha percebido que Jackson além de convencido se achava a última nu-tella da prateleira.

— Não foi isso que eu quis dizer — e se calou durante a caminhada até o auditório, segurando o braço que ainda sangrava muito. Provavelmente, pegaria uns três ou quatro pontos.

Aquela manhã foi bem agitada. No auditório os alunos iam sendo atendidos, mas apenas com machucados simples. Jackson tomou quatro pontos no braço direito. Não ia poder exibir o muque por alguns dias. E quanto a Asthlor, os enfermeiros ficaram espantados com aquela queimadura e principalmente como ele conseguiu aquilo. E o mais incrível era que ele não sentia nada.

Aos poucos, a escola ia voltando ao normal. À medida que iam sendo atendidos, os alunos volta-

vam para suas salas. Alguns foram mandados para casa, inclusive Asthlor e Jackson, mas ambos preferiram continuar na escola. Estavam bem e ainda tinham que acertar alguns pontos desse episódio com o zelador. Na saída do auditório, de volta para sala de aula, eles avistaram no fundo do corredor o zelador cumprindo sua função. Foram até ele.

— Olá, garotos. Estou vendo que estão bem.

— Precisamos conversar — disse Asthlor.

— A sala de vocês não fica para lá? — e apontou para o lado oposto.

— Olhe, precisamos conversar sobre o que houve, tá bem? — disse Sofia apreensiva.

— Garotos! Se estão bem, então acho melhor voltarem para sala.

— Eu disse que ele não sabia de nada. Só estava querendo nos assustar.

— Algum problema aqui?

Os garotos se viraram e viram o diretor. Ficaram assustados, com medo de uma possível bronca. Asthlor imaginou logo os pais sendo chamados para a

escola e o esparro que ele levaria. O diretor Silva geralmente era muito carrasco e não perdoava nada. Mas diante dos eventos daquela manhã, ele acabou deixando os garotos voltarem para aula sem muitas perguntas. O zelador continuou o seu serviço como fazia há 15 anos.

CAPÍTULO IV

DE VOLTA AO LAR

Asthlor, Sofia e Jack não viam a hora de chegar o intervalo para o almoço. O fim daquela manhã pareceu interminável. Finalmente o sino toca. Eles esperam os outros alunos saírem para decidirem o que farão. Sofia começa:

— E então? O que faremos?

— Acho que deveríamos procurar o zelador. Ele sabe de alguma coisa.

Os dois olharam para Jack para saber se ele concordava com isso. Ele não se opôs e concordou com a cabeça. E ficou calado a maior parte do tempo. O que Sofia havia dito parece que mexeu bastante com ele. Muitos já o tinham chamado de metido, arrogante, boçal e egoísta. Mas ele nunca havia ligado, pois não concordava com nada daquilo. Apenas não conseguia se relacionar bem com as pessoas. Se não falava, não era por mal, mas por timidez.

Encontraram o zelador nas arquibancadas ao fundo da quadra. Estava observando os outros garotos jogarem futebol. Parecia que os aguardava. Eles chegaram, sentaram-se como se estivessem ali para assistirem os outros jogando também. Calmamente ele rompeu o silêncio.

— Vocês devem ter muitas perguntas. Acho que já está na hora de voltarem para casa.

— Tá de brincadeira! Eu não vou voltar para capital e morar com minha mãe.

— Sua mãe já está em casa — disse o zelador depois de rir.

— O que exatamente está acontecendo? — perguntou Jack, querendo logo saber de tudo sem arroudeios.

— Você sempre foi apressado assim, né garoto? Puxou ao seu pai. Ele foi um grande homem.

— Como assim foi? Meu pai é um grande homem!

— Esse que está aí, não é seu pai. O seu pai ficou. E o deixou aos cuidados do irmão.

— Por que até o zelador resolve me zoar também? — resmungou Jackson, sem apreciar aquela conversa.

— Olhe se você pudesse nos explicar o que está acontecendo, a gente ficaria agradecido — interrompeu Asthlor, antes que Jackson falasse mais alguma coisa e Sofia tivesse uma crise de meias verdades.

— Vocês saberão de tudo, mas acho que eles vão preferir contar tudo para vocês — disse isso, apontando com a cabeça em direção à entrada da quadra.

Os três ficaram assustados ao ver que seus pais se aproximavam. O que eles podiam ter feito para seus pais estarem ali? Chegaram na arquibancada onde os garotos e o zelador estavam.

— Obrigado, José, pelos seus 15 anos de lealdade. Mas acho que está na hora de voltarmos — disse o pai de Asthlor ao zelador.

— Os garotos estão bem. E eu mal vejo a hora de começar a treiná-los.

— Estamos aqui para resolvermos isso e voltar para casa — disse o pai de Sofia.

— Espere aí, pai! Voltar para onde? O senhor vai voltar para mamãe?

— Querida, tenha calma. Explicaremos tudo.

— Jackson, querido. Sentiremos muita falta — disse sua tia abraçando-o.

Jackson estava confuso e uma mistura de sentimentos percorria sua alma. Não sabia se estava com raiva ou se estava na bad por aquilo tudo.

— Pai, mãe, o que está acontecendo? — Asthlor quis saber.

— Está na hora de irmos, crianças. Explicaremos tudo. Peguem suas coisas. Não queremos mais outra tempestade por aqui — respondeu o senhor Maxwell.

— Pode deixar, senhor. Eu já dei um jeito naquela coisa. Até que não foi difícil. Eu estava um pouco enferrujado, mas foi muito bom voltar a usar o meu “keyjín”.

— Você fez um bom trabalho, José. Mas está na hora de irmos. Todos os outros já estão retornando para Ghorn. O Duelo de Rhag começará em alguns meses. Vamos, garotos — falou o pai de Sofia e saiu em direção à saída. Os outros o acompanharam.

Jackson permaneceu ali, parado. Não conseguia esboçar nenhum sentimento. Apenas ficou ali parado, sentado na arquibancada. Sofia foi até ele.

— Você não vem, Jack? — e estendeu a mão para ele.

Costumava ser muito orgulhoso e nunca voltava atrás, mas cedeu ao gesto de gentileza de Sofia. Segurou na mão dela, levantou-se e foram acompanhar os outros. Muitas dúvidas preenchiam a cabeça de todos. Estavam perdidos e não sabiam o que fazer. Pegariam suas coisas e iriam embora. Mas para onde?

Não tiveram tempo de se despedir dos amigos. Embora não tivesse amigos, Asthlor estava gostando muito da escola. De vez em quando falava com alguns deles. Até foi passar o dia na casa de um. Reunião de amigos, para tentar se enturmar. Mas apesar de um dia agradável, Asthlor só se sentia bem mesmo quando estava só. Era o jeito dele. “Só não quero parecer exibido como o Jack”, pensou ele. Em toda a escola havia apenas uma pessoa que o garoto conversava bastante e que ele tinha como um segundo pai: o professor de Química, Sr. Rodrigues. Sempre gostava de tirar as dúvidas sobre alguma questão para, a partir daí, puxar conversa. O Sr. Rodrigues era muito atencioso e todos os alunos gostavam muito dele. Por isso que Asthlor tinha muito orgulho em tê-lo como um segundo pai. Naquele dia, não conseguiu encontrá-lo. Foi embora sem poder falar com ele. Isso o deixou muito triste.

Não passaram em casa. Todos se reuniram na casa dos tios de Jackson. Isso mesmo. Jackson foi criado pelo tio Jordan e sua esposa Clarine que tinha uma afeição muito grande por ele. Ela veio a viagem

inteira choramingando. A sala era bem ampla. E tinha uma estante com muitos livros de um lado e do outro um hack com uma TV de 40 polegadas. Tinha também um ps4 e alguns jogos espalhados e mais alguns livros também. Em cima da estante alguns figure action do Mário Brós, dragões, e o Sr. Vader. Na verdade, tinha muita coisa de Star Wars.

Todos se acomodaram no sofá que havia na sala e em algumas cadeiras fechando um círculo ou pelo menos era essa a intenção. O Sr. Jordan pegou um livro com um aspecto bem antigo. Era um livro bem grande, comparado aos livros comuns e com páginas bem amareladas. Colocou-o numa mesa de centro. Abriu numa folha onde havia um mapa. E então ele falou:

— Aqui é Middle Andhorn. E bem aqui é Ghorn, sua capital — disse apontando a região no mapa e continuou — foi aqui onde vocês nasceram.

— E onde fica isso? — perguntou Sofia curiosa como sempre.

— Não me diga que é na Síria! — completou Asthlor.

— Não, não. Middle Andhorn não fica aqui. É um mundo paralelo a este. Há quinze anos viemos para cá.

— Foi o ano em que vocês nasceram — disse Clarine chorosa.

— Há 15 anos houve um alinhamento estelar onde toda Middle Andhorn escureceu. Era o anúncio de uma profecia antiga que dizia que naquele ano nasceriam os filhos da luz.

— “Haverá um dia em que o astro do fogo imperecível se enfraquecerá e se apagará. Toda Middle Andhorn ficará nas trevas. Nesse dia, as sombras reunirão forças e enviarão os mensageiros da morte para aniquilar os filhos da luz. Pois nesse mesmo ano, eles nascerão em algum lugar e serão a esperança para o Arghoth, a aniquilação do mundo que renascerá para o bem ou para o mal.” O pai de Sofia havia decorado a profecia muito bem. Na verdade, todos sabiam das histórias de Middle Andhorn e agora chegou a vez das crianças também saberem.

Elas estavam curiosas e ansiosas para saberem de tudo. Ouviam o que seus pais diziam com aten-

ção. Embora achassem que tudo aquilo não passava de fantasia. Foi então que o pai de Asthlor contou o porquê deles terem ido parar ali.

— Vocês nasceram no mesmo ano em que aconteceu o eclipse solar, como é chamado aqui. Todas as crianças nascidas naquele ano foram enviadas para Terra. Pelo menos todas que foram possíveis mandar. Pois, a ordem das sombras enviou muitos Dhorblins e aves da agonia. Uma praga se abateu sobre as cidades e muitas crianças morreram de doenças.

— Dhorblins são as criaturas que perseguiram vocês. Se alimentam do medo de cada um e quando estão fortes o suficiente, eles se fundem na alma da pessoa e sugam todas as energias. A pessoa vai definhando, ficando sem vida, sem vontade para nada até que sucumbe. Aí a criatura sai mais forte e mais negra — explicou Sara, mãe de Sofia.

Sofia ficou espantada, pois achava que sua mãe era apenas uma dona de casa que só se ocupava em fazer receitas que via na TV e agora estava feliz em saber que sua mãe sabia coisas sobre outro mundo.

— Durante esse tempo, sabíamos que estariam

seguros, mas agora que já entraram na adolescência não podemos mais deixá-los aqui. A Terra não é mais segura para vocês. A ordem das sombras sabe que os que nasceram naquele ano, vão começar a desenvolver a energia latente. E que ela poderá se manifestar com marcas pelo corpo. É um sinal de que vocês estarão prontos para o treinamento.

— Asthlor tem uma marca — disse Sofia, ao ouvir o que o tio Jordan falou.

— Não tenho não! — gritou ele, imediatamente, antes que alguém quisesse ver.

— Asthlor, se as criaturas vieram atrás de você, é porque você já está com a marca. Elas conseguem sentir. A marca abre sua energia interior adormecida. É o sinal de que está pronto para trabalhar seu keyjín e desenvolver suas habilidades supremas. Mas também poderá desenvolver habilidades do Gamsuê Mesho ou sangue negro. Com seu keyjín liberado, todas as forças o procurarão, tanto as do bem, quanto às do mal.

Sofia compreendeu o que Jordan disse e retrucou:

— Ah, mostra logo isso! Deixe de ser patético. É só uma marca.

— Eu não vou mostrar nada!

Sara percebeu que Asthlor estava envergonhado e convidou as meninas para irem até a cozinha. O filho de Maxwell olhou para todos, e todos estavam olhando para ele. Esperavam que ele mostrasse a marca. Foi um momento constrangedor para ele. Mas decidiu que era por uma boa causa. E a marca estava bem em cima, não teria que baixar tudo. A menos que quisesse zoar com os coroas, mas achou melhor não. Levantou-se e virou-se para eles, baixou o short até mostrar a marca. Não acreditava naquela cena, mas acabou perdendo a vergonha.

— Maxwell — falou Jordan — seu filho tem a marca! Ele já está pronto!

Depois dali, decidiram que havia muita coisa ainda para contar para as crianças. Mas a prioridade agora era o Duelo de Rhag, em que os homens deixam de ser crianças. Asthlor estava apreensivo, pois não sabia o que o esperava. Jack ainda parecia muito zangado com tudo aquilo, se já era calado, ficou mais ainda. E Sofia... ela não concordaria em ficar com as mulheres, aprendendo sobre receitas de ervas. Isso era certo!

CAPÍTULO V

O DUELO DE RHAG

Asthlor acordou de um pulo. Teve um pesadelo que o tirou da cama. Ele observou o lugar, não estava no seu quarto. Levantou a cabeça e se apoiou nos cotovelos. Olhou para o lugar a sua volta. Era bem diferente do lugar onde sempre morou. A cama era macia, mas bem diferente da que ele dormia. Tinha uma janela, uma estante com alguns livros, bem velhos e um farol já apagado. Resolveu se levantar para explorar o lugar. Estava animado para conhecer onde nasceu. Embora ainda não acreditasse na história que havia ouvido, levantou-se e procurou os outros.

Ah, veja só o nosso menino. Como é bonito! — falou uma senhora, que Asthlor nunca tinha visto.

— Asthlor, esta aqui é sua avó. Você tem muito o que aprender com ela — falou Maxwell, entrando na sala — as coisas por aqui podem ser bem calmas, mas temos muito trabalho pela frente. Começaremos no campo, primeiro, eu o aconselho a vestir uma roupa.

De tão ansioso por conhecer o lugar e de tão desligado que era, levantou-se sem perceber o estado em que estava. Voltou para o quarto morrendo de vergonha e pensando consigo mesmo “você é muito burro! Como você faz um vexame desse?”. Entrou no quarto e enrolou-se na cama dizendo:

— Que vexame! Eu nunca mais quero sair daqui!

— Não demore, Asthlor! Temos muito o que fazer — falou seu pai, batendo na porta.

Maxwell mostrou a vida na SmallGhorn, um vilarejo rural da capital Ghorn, onde a terra era fértil, e tinham água em abundância, graças ao rio Kani. Em SmallGhorn era também de onde saíam os melhores curandeiros. Naquela manhã, Asthlor aprendeu muita coisa, inclusive sobre o páprius, que era uma erva que servia para curar ferimentos e, em forma de suco, recuperava a energia perdida decorrida de tarefas árduas. Ajudou os pais também o dia inteiro e só pararam na hora do almoço.

Quando terminou de ajudar seus pais, resolveu relaxar um pouco. Observando bem o lugar, lembrou que conhecia aquele caminho e começou a andar em

meio à mata. Sabia que logo adiante era para ter um rio. No percurso até o rio, brincava de jogar pedras em alvos escolhidos por ele.

Apesar de desligado, Asthlor sentiu uma presença estranha. Parou e olhou em volta. Tudo parecia como o pesadelo que havia tido. Mas não ligou e continuou. Logo adiante estava o rio. Tamanha foi a sua alegria que ele disparou para lá, jogando as roupas fora e mergulhando como uma criança que encontra o seu mais amado brinquedo. Aquilo era a melhor coisa do mundo. Aquele lugar era maravilhoso! Ele aproveitava cada minuto como se quisesse que o tempo não passasse nunca. E nem percebeu que não estava só.

Enquanto Asthlor se divertia no rio, um par de olhos, no meio da mata, o observava como se estivesse procurando algo. Asthlor continuou nadando. Mergulhou e quando emergiu, sentiu mais uma vez a presença estranha. Algo o incomodava. Olhou em volta, não percebeu nada, além da mata densa e das grandes árvores que agora agitavam sua copa por conta de uma grande ventania repentina. Um frio percorreu seu corpo. Era melhor voltar. Já ia se preparar para atravessar o rio e pegar suas roupas que ficaram na outra margem,

quando de repente, algo o puxa para baixo. O primeiro pensamento de Asthlor foi “de novo?”. Ele se debateu embaixo d’água. Tentou se livrar daquela coisa. Todas as tentativas foram em vão. Ele já estava ficando cansado e sem ar, quando percebe uma bolha contornar o seu corpo. Quando se dá conta, está dentro de uma bolha de ar respirando normalmente. E na sua frente, uma bela jovem. Ele se cobre e pensa mais uma vez “de novo?”, de repente, um clarão. A jovem lhe entrega um colar. Ele tenta pegar, mas continua se cobrindo. A bolha estoura e ele sobe rapidamente à superfície. Olha em volta, não vê nada. Consegue nadar até a outra margem e rapidamente procura suas roupas.

— Seu burro! Você é um idiota! Eu nunca mais vou ficar pelado na vida. Nunca mais!

Enquanto se vestia, notou que havia um colar em sua mão. Lembrou que José teria dito que era uma proteção. Colocou-o no pescoço e voltou para casa. O retorno foi bem mais rápido. Tinha muitas perguntas e já imaginava o que o aguardava: o Duelo de Rhag.

Ajudou seu pai nos afazeres da tarde. Já cansado sentou-se à sombra de uma árvore e Maxwell foi até ele. Conversaram sobre Rhag. Asthlor decidiu que



já estava na hora de aceitar algo desafiador, embora achasse que não teria tanta chance, lutar talvez fosse algo que o motivasse, já que o dia no campo era bastante entediante e cansativo.

Na volta para casa, perguntou sobre seus amigos.

— Você os verá em breve. Logo, logo estarão juntos. Ainda tem muita coisa para vocês descobrirem, filho. Bem-vindo a Ghorn e a Rhag também.

Foi dormir bastante cansado. Mas antes de adormecer, pensou na garota do lago. Nunca admitia, mas se apaixonava com facilidade. Pensou em Sofia também. Seria errado pensar nas duas garotas? Lamentou não ter pego o WhatsApp da garota do lago, poderia estar conversando com ela agora. “Asthlor, seu burro! Se o professor Rodrigues estivesse aqui ele poderia ajudar com relação às garotas.” E dormiu.

O dia amanhece. Asthlor continua dormindo. Já está tarde, então seu irmãozinho, Vinni Maxwell, vai acordá-lo.

— Vamos, Asthlor! Acorda! Acorda! Você está atrasado, seu dorminhoco! — disse sacudindo o irmão.

— O quê?! Quem é você? Me deixe em paz. Eu quero dormir!

— O papai disse que hoje eu podia perturbá-lo! Acorde! Você vai chegar atrasado!

— Atrasado pra quê?

— Você começa seu treino hoje, seu tonto!

— Treino? — disse Asthlor, ainda sonolento — que treino?

— O papai já está o esperando. Ele vai levá-lo. Ande! — e puxou o lençol — vá se vestir logo, Asthlor.

Ele se vestiu e, com preguiça, foi até onde estava seu pai que o aguardava com um bastão. Arremessou-o para o filho que o deixou cair, pois não esperava por aquilo.

— Espere aí, o que é isso?

— Sua arma.

— O quê? Eu vou duelar com um pedaço de pau?

— Não é um pedaço de pau. É um bastão.

— Tome — falou Vinni, entregando o bastão que apanhara do chão.

— Quem é o baixinho?

— Seu irmão, Vinni. Ele vai acompanhá-lo e ajudá-lo com os treinos.

Asthlor já estava começando a se arrepender de participar do Duelo de Rhag. Caminharam para fora do vilarejo. Partiram por um outro caminho que daria em outra parte do rio. Lá, encontrariam os outros participantes de Rhag. Tamanha foi sua surpresa quando descobriu que o seu treinador era José, o zelador.

— José! – disse Asthlor animado – o que você está fazendo por aqui?

— Garoto. Ainda não entendeu? Eu vou ser seu treinador para o Duelo de Rhag. Você e mais 11 garotos como você, mas hoje será só você. Temos muita coisa para conversar. Eu vou lhe explicar tudo sobre Rhag.

— Quero ver você derrotar todos eles, heim? – disse Vinni empolgado.

— Me parece que seu irmãozinho está mais empolgado do que você.

— É tudo muito estranho. Não sei se isso é pra mim.

— Relaxe, garoto. Sei que tem muitas perguntas e muitas dúvidas também. Sei também que não escolheu tudo isso, mas a vida o deu. É o seu destino. Você tem um grande potencial e Os Celestiais não dariam essa carga se não a suportasse.

— Eu não entendo. Por que eu?

— Existem coisas que não entendemos, mas que precisam ser assim. É o seu destino. E nosso também.

— Papai, sobre o que eles estão conversando? Eu pensei que ele viria aqui para lutar.

— Seu irmão ainda tem muita coisa a aprender sobre o nosso mundo, Vinni. Vamos embora. Seu irmão precisa tirar muitas dúvidas.

— Mas eu pensei que eu ia ajudá-lo.

— E vai. Mas, hoje, Asthlor precisa entender Rhag para que possa concentrar toda sua energia.

Afastaram-se dali, deixando os dois na beira do rio.

— Seu treino começa, hoje, mas não vamos lutar. Primeiro é preciso conhecer Rhag.

E explicou para o jovem sobre o duelo:

— O Duelo de Rhag existe há muito tempo. É uma tradição de Ghorn. Em que os homens deixam de ser crianças. É um rito de passagem no qual os jovens começam a treinar para se tornar um guerreiro. Os melhores vão para a ilha dos Guerreiros Supremos. É lá onde aprendem tudo sobre a arte do combate, da cura e da magia. Rhag significa bravura, é dividido em duas etapas: a primeira é o duelo do círculo de fogo e a segunda é a jornada até a montanha de Asghortein, o dragão vermelho. Lá onde deve-se acender o círculo de Rhag e trazer as tarks, as pedras ovos do dragão como troféu.

E passaram o dia conversando. Asthlor estava preocupado, mas também empolgado com o duelo. Já estava doido para recomeçar seus treinos que fazia em casa. Com certeza, aquilo seria melhor que passar o dia no campo. Voltou para casa disposto e ansioso para que o dia seguinte chegasse logo. Iriam para o centro de Ghorn. Lá, aconteceriam os treinos. Iria rever os amigos e esperava se divertir muito naquele lugar. Não tinha nem ideia de onde estava, mas faria de tudo para que aquelas fossem as melhores férias de sua vida!

CAPÍTULO VI

O ATAQUE A GHORN

O dia amanheceu ensolarado em Ghorn. O sol ofuscava a manhã irradiante, anunciando um dia convidativo para treinar. Asthlor levantou cedo, tomou o café da manhã, no qual havia um suco que ele nunca tinha escutado o nome, e um pão bem estranho de cor amarronzado. Em seguida, ele correu para um espaço ao lado da casa e foi treinar, duzentas flexões e abdominais divididos em 10 sessões de 20 cada uma.

— Vai precisar mais do que isso para o Duelo de Rhag – falou seu pai que acabara de chegar.

— Ajuda a me manter motivado – disse Asthlor, terminando as oito séries de flexões.

— Termine e se apronte. Vamos para o centro. Você vai conhecer um pouco mais de Ghorn. E irá até o centro de treinamento dos combatentes. Começaremos hoje.

Do campo para o centro de Ghorn eram alguns quilômetros. Montaram em seus cavalos e enquanto cavalgavam, Maxwell aproveitava para explicar mais sobre aquele lugar ao jovem Asthlor. O garoto aproveitou e falou da garota do rio. Seu pai começou a rir e explicou que não se tratava de uma garota comum, na verdade, era uma Sinerian.

— Elas são elementais das águas. Cuidam do rio e protegem todos aqueles que estão em perigo. O colar que ela entregou é uma proteção. Se ela apareceu é porque você estava em perigo. E não vá se animando, não. Elas são espíritos que, com certeza, não vai querer nada com você.



— Seria bom demais para ser verdade.

— Você tem que focar agora em Rhag. Vença o duelo e terá mil gatinhas a sua volta. Elas vêm de todas as partes de Ghorn, só para ver os bravos combatentes. Têm chances de se dar bem.

— Deus o ouça.

— Durante o treinamento, ficará sob os cuidados de Yosé. Todos os combatentes de Rhag são divididos em grupos e cada grupo é treinado por um mentor. Vocês aprenderão o que é preciso para desenvolver o seu keyjín.

— O que é isso?

— Você tem a marca. Isso significa que tem habilidades latentes que precisam ser desenvolvidas. Não tem como saber que habilidade será. Vai depender de como você treinará para isso, mas você saberá quando chegar a hora. No momento, concentre-se no combate.

— Disse que se uma Sinerian aparece é porque alguém estava em perigo. Que perigo haveria no rio?

— Dhorblins, talvez. Eles estão por toda a par-

te. A chegada dos filhos da luz mexe com a ordem das sombras. Já tentaram impedir que nascessem ou crescessem. Agora querem impedir que, entre eles, surja aquele que derrotará o mal para sempre.

— Eu não entendo.

— Ainda tem muita coisa que você não entende, filho. Mas tudo será revelado. Ghorn ainda tem muitas histórias. Por enquanto, vamos ao que interessa.

Chegaram no centro. Era uma cidade bem desenvolvida, com casas estranhas as quais nunca tinha visto em lugar nenhum. Tudo muito... quadrado, e muito branco também. Havia uma muralha muito grande que rodeava toda a cidade. Passaram por uma feira a céu aberto. E lá encontraram Yosé.

— Vamos. Já estão esperando — disse ele para os dois que se aproximavam.

De lá partiram para a montanha onde Ghorn nascera. Era o local que acontecia o treinamento dos combatentes, situado na encosta da montanha que o Duelo de Rhag era realizado. Era na encosta também que ficava o castelo reluzente. Construído com uma pedra branca que, em noites de lua cheia,



cintilava, iluminando Ghorn com uma luz pálida, mas que trazia uma paz nas noites escuras.

Chegaram ao centro dos combatentes. Já se encontravam lá alguns deles em treinamento. Asthlor observava e imaginava que seria moleza. Encontrou Jack, mas não falou nada, apenas fez um sinal com a cabeça. Jack viu, mas o ignorou. Iam fazer parte da mesma equipe. Asthlor não insistiu. Yosé reuniu todo o seu grupo.

— Atenção, todos vocês! Hoje começaremos um período de treino intenso. Vocês darão o primeiro passo para se tornarem homens. Daqui sairão os melhores combatentes que seguirão para a ilha, onde poderão concluir seu treinamento de maneira específica. Não pensem que vai ser fácil, muitos desistem no caminho, mas os que chegam ao seu fim, com certeza, sentirão na pele o que é ter fibra de um guerreiro. Vocês ficarão comigo nas próximas semanas. Tentem aprender tudo o que puderem. Precisarão, com certeza!

Depois do breve discurso, o treinamento começou. Asthlor tentava aprender tudo que era possível.

E estava se dando muito bem, pois tinha habilidade para artes de combate. Enquanto ele se desenvolvia e aprendia novas técnicas, a cada dia, seu “amigo” Jack se emburrecia toda vez que não conseguia aprender uma técnica com eficiência ou não era rápido o bastante quanto o seu oponente. Toda vez que perdia para alguém, perdia a cabeça e não conseguia mais se concentrar. Talvez aquilo não fosse para ele. Sentia uma certa inveja quando via Asthlor, aplicando um golpe praticamente perfeito aos olhos dele. Isso o enchia de raiva.

Os treinos seguiram. Asthlor notou a cicatriz que os pontos deixaram no braço de Jack. “Será que isso pode também ser uma marca?”, pensou ele. O dia do grande duelo se aproximava e ele sentia que precisava de mais e mais treino. À noite, antes de dormir, praticava tudo que lhe fora ensinado no decorrer do dia. Passava tudo sozinho, buscando se concentrar em cada movimento. A ideia de se tornar um grande guerreiro de Rhag, o deixava motivado, mas o de saber que garotas viriam de todas as partes, o deixava mais animado ainda. Afinal, não é em Rhag que os homens deixam de ser crianças?

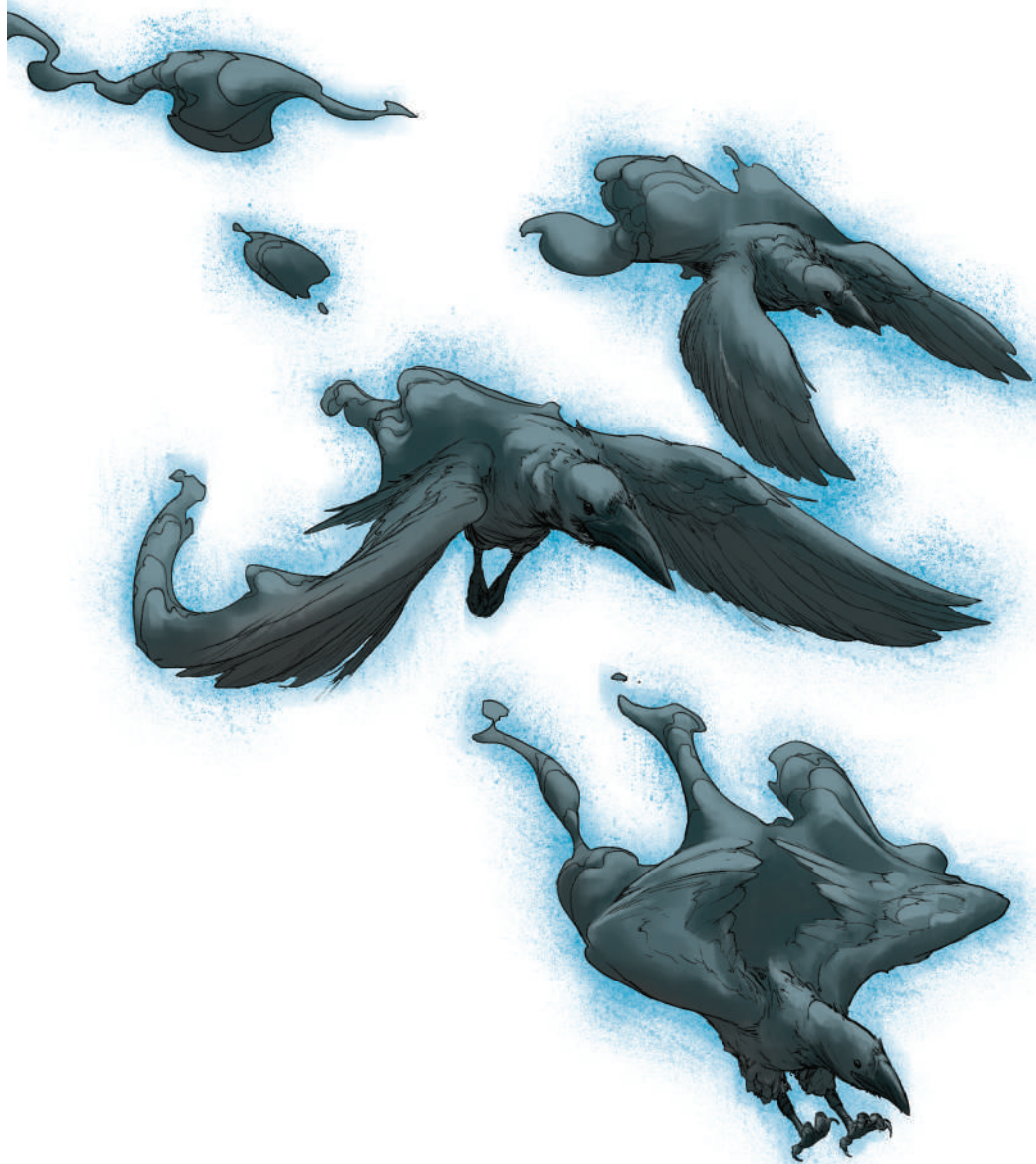
Mais um dia de treinamento, tudo corria muito bem. Asthlor se destacava nos treinos, enquanto Jack se arrastava e se emburrava mais ainda. Estavam tão envolvidos no treino, pois o dia do duelo estava próximo, que não perceberam uma poeira negra que se aproximava. Eram os pássaros do mau agouro mandados para trazer má sorte aos combatentes. Em poucos segundos, eles chegaram fazendo um barulho infernal e trazendo, com seu canto, o mau agouro que seria um infortúnio para os jovens. Seu canto trazia o peso das sombras. Um tumulto de gente correndo e uma gritaria tomou conta do lugar. Todos corriam para se protegerem, pois além do agouro, eles também traziam uma doença que deixava a pessoa indisposta por um bom tempo.

— Não deixem que eles encostem em vocês! — gritou Yosé — eles soltam uma gosma de sua saliva, trazendo a peste para quem for contaminado!

Os combatentes lutavam e usavam seus bastões para se livrarem dos pássaros, o mais rápido que podiam. Mas eles eram muitos e chegavam cada vez mais. Foi então que os mestres de cada grupo se reuniram. Asthlor percebeu que eles começavam a

brilhar, como se uma aura de luz amarelada contornasse todo o corpo deles. Eles estavam concentrados com as mãos unidas e foi aí que uma luz começou a se formar. Eles então abriram as mãos e a luz se espalhou tomando conta de todo o ambiente, afugentando as criaturas mandando-as de volta para as sombras. Mas elas eram muitas e vinham de todos os lugares e estavam invadindo a cidade. Todos tentavam se esconder. A desordem e a gritaria foi geral. Ghorn sabia do que esses malditos pássaros eram capazes. Os mentores concentravam seus keyjíns e espalhavam bolas de luzes para afugentá-las, mas não estava sendo o suficiente. Foi então que os cinco mentores se reuniram e fundiram seus keyjíns. Uma luz azulada se espalhou com tamanha força e em uma proporção tão grande que tomou conta de toda a cidade.

As pessoas saíam de seus abrigos ainda ofuscadas pela luz. Já não existia mais a ameaça que há pouco espalhou tanto medo e gritaria. Agora era esperar as sequelas. Por onde essas aves passavam, deixava a má sorte, espalhavam doenças e tudo de negativo acontecia. Agora era orar e esperar.



CAPÍTULO VII

O ESCOLHIDO DO FOGO

O ataque a Ghorn deixou várias pessoas doentes. Uma epidemia de peste das aves infestou toda a cidade, e muitos ficaram acamados durante um bom tempo, pois a peste das aves causa, além de febre alta, muitas dores no corpo e nos casos mais graves, a pessoa fica vendo coisas inexistentes, tornando-se um perigo para as pessoas próximas. Os grupos de duelistas de Rhag tiveram algumas baixas. Na equipe liderada por Yosé, apenas dois combatentes adoeceram e desistiram do treinamento. Os líderes de Ghorn sabiam os motivos do ataque das aves da agonia. Teriam que redobrar a segurança e os cuidados com os possíveis filhos da luz, aqueles que um dia venceriam as sombras e trariam paz para Middle Andhorn.

O treinamento continuou normalmente depois do ataque. O evento de Rhag daquele ano teria uma proporção bem maior do que a dos outros, pois 15 anos já havia se passado e todos sabiam o que isso

significava. O escolhido do fogo, aqueles que tivessem a marca seriam os escolhidos. Seriam os que mudariam Middle Andhorn para sempre quando o grande dia chegasse. Os líderes de Ghorn sabiam que as forças das sombras já estavam agindo. O ataque dos pássaros da agonia foi um aviso. Todos os jovens que nasceram naquele ano seriam perseguidos. Aqueles que a marca se manifestasse, seriam alvo fáceis para a ordem das sombras. E eles já sabiam que Asthlor era um deles, só estavam esperando os outros.

Os dias se passaram e a grande espera chegou ao fim. Finalmente naquela semana aconteceria o Duelo de Rhag. Asthlor estava confiante, mas também com um pouco de medo. Os dez melhores do duelo iriam para a escola de combate, magia e cura. Lá seriam preparados para fazer parte da grande ordem dos cavaleiros supremos.

Os Dhorblins e os pássaros da agonia tinha sido um sinal. O que mais poderia acontecer naquela semana? Tentou não pensar nisso. Nos últimos meses, Asthlor e os outros combatentes se dedicaram so-

mente ao treinamento. No início, tentou conversar com Jack, mas ele sempre foi de poucas palavras. E estava sempre irritado também. Assim, achou melhor não incomodá-lo.

Chegou o grande dia. A cidade recebia muitos visitantes. Os combatentes chegavam e Asthlor só pensava nas garotas que estariam olhando-o lutar. Não queria ficar na paranoia do duelo, por isso pensar nas garotas era uma forma de se manter no controle, sem estresse e sem preocupação.

O duelo era simples. Cada equipe lutaria umas com as outras no melhor de 3 lutas. Os que perdiam saíam da competição. Os dez melhores iriam para a segunda fase que era a ida até a montanha onde, segundo a lenda, encontra-se adormecido o dragão vermelho de Asghortein.

A arena para o duelo estava lotada. No centro, no meio da plateia, encontrava-se o rei e sua rainha. O palco para Rhag era apenas um círculo de fogo. Cada combatente deveria expulsar seu oponente do círculo, antes que o fogo se apagasse. Poderiam usar somente bastão ou o próprio corpo. A segurança da

arena estava redobrada. E em uma parte, ao lado do rei, estava, em destaque, três lugares que eram reservados, especialmente, para a Ordem dos Supremos: Élghon, Dhrillesk e Hirstersk.

O rei autoriza o início do duelo. Todos os combatentes haviam sido muito bem preparados. Nenhuma luta foi fácil. Da equipe de Yosé, três estavam para a final. Entre eles, Asthlor, Jack e um outro carinha da cidade de Lunarian. As lutas iam seguindo e cada vez que uma terminava, Asthlor ficava tenso. Olhava para a arquibancada e via as garotas vibrando e torcendo. Aquilo o desconcentrava.

— Observe como se faz. – disse Jack, entrando no círculo.

Jack sempre foi muito confiante. E isso às vezes era o que denegria a sua imagem. Muitos o achava um babaca boçal por não falar com as pessoas nem ligar muito para as amizades. Como diziam: “ele pensa que o mundo gira em torno dele”. Mas a verdade, ele era muito tímido, por isso não falava muito com as pessoas. Mas sua confiança ainda era o que o salvava. Só que as pessoas não costumavam

compreendê-lo. E ele também nunca ligou. “Sempre foi muito na sua”, não se preocupava com os outros.

Jack e seu combatente já estão no círculo. Esperam o sinal para começar a luta. A tocha é erguida como forma de atenção. No momento em que ela é baixada e o fogo começa a tomar de conta de todo o círculo, o duelo começa. Jackson estava concentrado. O seu oponente exibia-se fazendo manobras com o bastão para impressionar as garotas da plateia. Jack sem muito trabalho o ataca fortemente, conseguindo avançar cinco passos e, com mais um golpe, empurra o exibido que cai no fogo e se debate no chão, tentando apagar o corpo em chamas. As garotas na plateia estão rindo muito. Jack odiava gente exibida. A partir daí só precisava ganhar mais uma. O que foi moleza, já que o adversário estava com a moral baixa, depois da vergonha da primeira luta. Jackson ganha fácil. Está entre os dez que irão a montanha de Asghortein.

Asthlor também vence sem maiores dificuldades. Toda sua dedicação valeu a pena e seu combatente foi vencido logo no começo da luta. O filho de

Maxwell estava claramente em vantagem com relação aos outros. Sua técnica era praticamente perfeita, o que surpreendeu os guerreiros supremos que estavam na plateia.

Os dez escolhidos de Rhag já haviam sido selecionados. Os 10 melhores definidos em batalha. Dormiriam no alojamento dedicado aos 10. Na manhã seguinte, já teriam que ir a Asghortein pelo caminho mais curto e também mais perigoso: a floresta da Besta, que segundo a lenda, era uma criatura horrenda que protege a mata, atacando e matando seus invasores. Muitos dizem que é só uma história inventada para manter as crianças afastadas da mata. Outros juram que já viram a besta e que escaparam por pouco. Real ou fictícia, o fato é que ela causava pavor a todos que se aventuravam pela floresta.

CAPÍTULO VIII

ASGHORTEIN

Nem bem clareou o dia, os combatentes já se preparavam para a jornada a Asghortein. Seriam 5 dias e 5 noites embrenhados na mata, subindo montanhas, enfrentando o frio da noite e todas as dificuldades de uma caminhada tão longa. A primeira delas seria atravessar o rio e depois de 2 ou 3 quilômetros, embrenhar-se na floresta. Os dez estavam prontos. A jornada iria começar.

As primeiras horas foram tranquilas. A floresta não estava tão assustadora ainda.

— Acho que devíamos parar um pouco e descansar – disse um moleque que sempre estava no final da caminhada.

— Devemos continuar. Quanto antes sairmos da floresta, melhor – disse um outro.

E continuaram. Pouco antes do sol sumir, resolveram acender uma fogueira e se prepararem para descansar. Foi uma caminhada muito longa e ainda tinha

muito o que andar até chegar ao destino: a montanha do dragão vermelho. Decidiram que iam revezar a vigília. Procuraram o melhor lugar para se deitarem. Entregarem-se ao cansaço. Aquele ainda era o primeiro dia da jornada. A noite estava apenas começando.

Asthlor antes de dormir, sentou-se diante da fogueira e juntou as mãos e ficou fitando as fagulhas que subiam. “Como será que desenvolve o keyjín?”, pensou ele. Vez ou outra, ele afastava as mãos lentamente e observava como que esperando que saísse algo. Depois de algumas tentativas falhas, deitou-se e dormiu. Tentaria novamente na hora de sua vigília.

A noite na floresta foi tranquila, apesar de assustadora. Os vários sons que a floresta emite causa arrepio. Mas agora os raios de sol rompem a escuridão e toma conta de toda a mata. Está na hora de continuar. Eles comem um pão de cor amarronzado, chamado bhrur e o suco de pápris. Seguem adiante na jornada. Até o final daquele dia, deveriam chegar ao pé da montanha. Enquanto caminhavam ouviram um barulho estranho que parecia ser de algum animal. Pararam apreensivos. O coração dispara. Todos estão atentos, olhando em volta. O barulho

aumenta. Eles se juntam formando um círculo de costas um para o outro. De repente, uma manada de esgardes ou cervos, como dizem na Terra, saem da mata como se estivessem fugindo de algo. O primeiro susto já foi. Agora esperar o segundo. Ou seja, do que eles estavam fugindo. Eles sentem como se a terra estremecesse. A espera termina. Derrubando a mata aparece um trork, uma criatura cega que fareja muito bem sua presa, e que é parente dos trols.

— Trork! – gritou Jackson, que conhecia por conta dos livros que seu pai dava para ele estudar e até então ele não sabia o porquê.

— Espalhem-se! — gritou outro.

Correram pela floresta sempre em dupla. Jackson tentou atrair a atenção do Trork. Asthlor percebeu e foi ajudá-lo. Não tinham armas além dos bastões. Seria loucura um embate com o monstro. O correto seria despistá-lo.

— O que você está fazendo? – perguntou Jack já mostrando que estava bravo.

— Vim ajudá-lo! – E jogou uma pedra no monstro que desviou a direção indo de encontro a Asthlor.

— Não preciso de sua ajuda!

— Não vai conseguir derrotar sozinho. Não sem armas. Temos que despistá-lo!

Asthlor tentou subir nas árvores e correr por entre os galhos. O monstro ainda estava perseguindo-o. Enquanto ele corria, pulando os galhos e descendo as árvores, tentando se afastar do Trork, Jack também jogava pedra na criatura. Sabiam que aquilo não iria adiantar e eles iriam se cansar logo. Uma das duplas que haviam saído voltou.

— Asthlor! Jack! Tem um barranco logo à frente! Podemos levá-lo até lá.

Eles seguiram o amigo sempre atraindo o monstro. Antes de chegar no barranco, os outros haviam esticado uma corda. Era uma tentativa de derrubar o Trark. Tentativa que deu certo e o monstro cego, na perseguição, acabou caindo no barranco. Passado o susto, juntaram-se novamente para continuar a viagem. O restante do dia foi tranquilo. Chegaram em um riacho, descansaram um pouco e seguiram. Tinham que dormir no pé da montanha. A chegada foi tranquila, já não pensavam mais na besta da floresta. Só queriam

subir a montanha e fazerem o círculo do fogo. Acenderam a fogueira e revesaram-se na vigília. Jack, à beira do fogo, olhava para sua cicatriz no braço. Poderia ser uma marca, se não tivesse sido os pontos do dia em que se machucou na escola. terminado sua vigília ele se deitou e tentou dormir. Antes de dormir, viu que Asthlor estava afastado, não mais na fogueira, mas afastado na escuridão da montanha. Estava fazendo aquilo com as mãos novamente. Repetia o gesto por horas e nunca desistia. “Tolo!”, pensou Jack. E dormiu.

A montanha começa a clarear, um novo dia desponta. Todos começam a despertar quando o último da vigília anuncia:

— O dia já está nascendo! Acordem! Está na hora de subir a montanha.

Todos levantam e olham a pedra onde eles devem ir.

— Não parece tão difícil – disse um deles.

— Vamos conseguir – completou Asthlor, que até então vinha conduzindo o grupo.

Procuraram o melhor lugar para escalar. No trei-

namento, eles aprenderam como fazer isso. Jack saiu na frente, já havia praticado parkour na sua antiga cidade. Começou com uma brincadeira da turma que iam para um lugar abandonado e começavam a correr, pular, dar rolamentos. Foi lá que Jack experimentou bebida alcoólica pela primeira vez, para nunca mais. Às vezes pensava em fazer de novo, mas logo mudava o pensamento para outra coisa.

Não era tão difícil, o acesso ao topo. Todos conseguiram subir sem tantas dificuldades. Chegando lá, teriam que pegar as tarks e fazer o ritual do círculo de fogo e esperar o sol se pôr, assim teriam a segunda fase do círculo de Rhag completa. Alguns chegaram um pouco cansados. Os mais dispostos saíram à procura das tais pedras. Quando as encontraram se reuniram para saber como seria. Era um momento muito importante e todos fizeram parte.

Enquanto esperavam o pôr do sol, descansavam. Asthlor sonhou com a escola onde estudava. Jack estava incomodado com uma coceira que surgiu, de repente, na virilha direita. O sol já estava perto de sumir no horizonte. O céu fechou de uma vez. To-

dos ficaram olhando para cima. Seria aquela uma tempestade comum ou mais uma vez as criaturas das sombras estavam ali? Ou será que fazia parte do ritual do círculo de fogo? Logo, logo iriam saber.

— Está ficando cada vez mais forte! – disse um deles.

— Preparem-se porque parece que não é coisa boa não.

Eles viram um redemoinho se formar no céu, criando um buraco que girava e girava e, de repente, juntou no centro e um forte raio caiu bem perto onde estavam os garotos. De lá, começou a se erguer da terra uma imagem grotesca que nada tinha a ver com o círculo de fogo. Todos ficaram olhando apavorados enquanto a criatura ia se formando rodeada de raios que iam desaparecendo, aos poucos, até que a grotesca criatura estava pronta e solta um urro que deixa todos arrepiados e começam a correr, procurando se esconder ou fugir o mais rápido. A criatura lançava uma gosma azul escura e pegajosa pela boca que deixava, quem atingisse, sem conseguir se movimentar. Três deles já estavam presos na gosma. Jack tentou enfiar



uma lança que havia feito, na noite anterior, com o seu bastão, mas foi atingido pelo monstro que o arremessou para uns oito metros. Trovejava muito. O tempo estava fechado e a tempestade só piorava. Os combatentes já não se movimentavam mais como antes, estavam ficando cansados de se esquivar da criatura. Ela consegue prender todos, mas para felicidade deles, a Ordem de Ghorn apareceu no exato momento em que ela iria começar a devorar um por um.

Os três maiores supremos da Ordem de Ghorn vieram porque sabiam que mais cedo ou mais tarde algo terrível podia acontecer. Só não esperavam que a Ordem das Sombras conseguiria materializar o Baltrax, uma criatura do lado inferior. Como conseguiram reunir tanta energia para aquilo?

O Baltrax logo percebe a presença dos três e já lança a gosma, tentando atingi-los. Os supremos percebem que a materialização não foi completa e que a criatura não está com sua força recarregada, então, eles aproveitam para atacá-la. Faixos de luzes, que saem das mãos dos supremos, são lançados contra a criatura. Um após o outro. Lançados de forma a não dar trégua para o Baltrax. Mas a criatura é resistente

e parte para cima. A briga agora está por conta do Baltrax e os supremos. Jack se mete no meio da “diversão”, tentando atrair o monstro para si para que os supremos fiquem livres para atacar e por pouco não é atingido por um braço que ataca veloz, mas ele consegue se esquivar dando um rolamento e saindo correndo. A criatura o persegue. Os supremos sabem que terão que reunir uma força bem maior para destruir o monstro. Um deles se concentra, enquanto os outros continuam atacando.

Jackson é encurralado em um paredão sem saída. O Baltrax se aproxima. O medo que atravessa sua espinha faz com que ele desperte uma força interior. E quando ele achava que seria o seu fim, coloca as mãos na frente como se quisesse se proteger e percebe que sua mão está cintilando uma luz verde que, inconscientemente, ele lança em direção ao monstro. O ataque é somado ao dos supremos. O monstro não resiste e da mesma forma que surgiu, ele some na Terra. Jackson cai inconsciente. Os outros combatentes começam a chegar.

— Será que ele vai ficar bem?

— O que aconteceu com ele?

Ninguém, exceto Asthlor, tinha visto o que Jackson tinha conseguido fazer. Um dos supremos já estava com ele, realizando sua cura. Jackson havia liberado energia demais. Bem mais além do que ele conseguia suportar. O descontrole acionado pelo medo, fez com que ele enfraquecesse a ponto de apagar. Não era acostumado com isso, o corpo não havia se habituado a essa perda de energia.

— Ele vai ficar bem, mas precisa descansar – disse o supremo que o curava.

Todos ficaram alegres por saber que ele ia ficar bem. Asthlor, sentiu que aquele foi apenas o começo dos problemas. Quantos monstros ainda teriam que enfrentar? E olhando para Jackson, no chão, percebeu, em sua virilha, uma marca ou parte dela. “Será que Jack é o escolhido da profecia dos filhos da luz? Com certeza, sim! O que ele fez foi incrível!”, pensou Asthlor. Jackson acorda sem saber o que havia acontecido.

— Acho que está na hora de voltarmos – disse um dos supremos.

— Até que enfim! – alegrou-se um dos garotos.

Desceram a montanha, reacenderam a fogueira da noite anterior e dormiram. Menos Asthlor. Estava intrigado sobre como Jack havia conseguido aquilo. Necessitaria de concentração. Foi assim que seu pai disse. Tentou descansar um pouco. Teriam muitas perguntas.

A volta para casa foi tranquila. Os medos ainda aterrissavam nas cabeças dos dez escolhidos do fogo. E agora, entre eles, dois filhos da luz. O que aconteceria depois dali? Asthlor pensou nas garotas. Será que estariam a espera deles voltarem? Não tinha essa resposta. A única coisa que sabia era que eles não eram mais os mesmos. Ali, voltando para casa, aqueles dez garotos haviam deixado de ser crianças para se tornarem futuros combatentes de Ghorn. O Duelo de Rhag foi o começo do que ainda estava por vir. A bravura experimentada, por todos, os acompanharia em suas vidas. Agora, todos eram homens. E estavam preparados para continuarem a jornada que estava apenas começando.





CAPÍTULO IX

A ILHA

Chegando em Ghorn, foram recebidos com muita festa. A tradição mais uma vez se realizara e mais uma vez a cidade tinha seus dez escolhidos do fogo. Podia ser apenas uma tradição, mas agora, dez homens deixaram de ser crianças. Os outros que não venceram Rhag ainda poderiam continuar os treinamentos e se tornarem guerreiros. Mas apenas os dez seriam chamados de “escolhidos do fogo”. Isso era como um prêmio.

A festa seguiu com músicas e todos se divertindo. Existiam muitas mulheres, sim, mas Asthlor, tímido que era, não conseguiu se aproximar de ninguém. Jackson muito menos. Era exibido, mas mais tímido do que o amigo.

— E aí, interessado em alguém? – disse Asthlor se aproximando de Jack.

— Eu já tenho minha 10/10 – ele se exibiu.

Mas, na verdade, não tinha ninguém. Ou, se tinha, ela não estava sabendo ainda. A 10/10 ou a garota dos sonhos, só existia na cabeça deles.

O dia inicia-se radiante em Ghorn, como se anunciasse uma nova época de grandes colheitas. O povo estava animado nas ruas, isso era perceptível. Asthlor, acorda com o seu pai sacudindo-o.

— Acorda. Já está na hora.

— Hora de quê? O duelo não já acabou? – disse ainda sonolento.

— O duelo é apenas o início, garoto. Você vai para a escola de combate, magia e cura na Ilha dos Supremos. Você é um escolhido.

— Isso eu sei, um escolhido do fogo – falou Asthlor, tentando se levantar, mas com muita preguiça.

— Não, garoto, um escolhido da luz! Você é um dos filhos da luz e deve se preparar para isso. Sua jornada começa agora!

Asthlor sentiu algo que não soube explicar. Medo ou talvez insegurança. Ou quem sabe os dois juntos. Havia se saído muito bem em Rhag, mas

não sabia se estaria preparado para o que estava vindo. Com certeza, encontraria Jack por lá. Pensou em Sofia. Onde será que ela está? As dúvidas ainda eram muitas. Talvez tivesse sido melhor não ter se tornado o homem escolhido do fogo. Agora tudo estava diferente. Faria amigos na ilha? Seria uma escola tal qual a que frequentou? Magia e cura. Isso soava engraçado. Mesmo depois de ver pessoas lançando raios das mãos e monstros que até então só conhecia das histórias. Asthlor viu que muita coisa ainda ia acontecer. É, já estava na hora de crescer, embora sentisse saudades do vídeo game. A Ilha o aguardava. E com ela, o futuro do jovem filho de Maxwell e, quem sabe, o futuro de Ghorn.



Mário César Fernandes

Olá, sou MÁRIO CÉSAR FERNANDES, nasci e moro em Quixerê-CE. Sou escritor entre muitas outras atividades. Além deste, escrevi meu primeiro livro infantil: “O Galinheiro assombrado”. Escrevo peças para o Grupo Fênix Teatro e Audiovisual; poesias e contos... gosto muito de games (por influência do meu mano Caio Cesar), aventuras medievais e tudo o que envolve esse mundo de magia e seres fantásticos. Acredito no poder da Literatura. Um bom livro pode mudar o dia de alguém.



João Bosco

Nasci na cidade de Santo André, São Paulo, no dia 4 de julho de 1981. Moro em Fortaleza, Ceará, desde 1994. Sou ilustrador há 20 anos para diversas mídias como quadrinhos, jogos, revistas e livros. Ilustrar histórias para mim é a oportunidade de criar mundos novos e, também, contribuir com textos para que possamos contemplar e entender o mundo real através da fantasia. E ainda ilustro para me divertir e divertir quem aprecia minha arte. Por fim, ilustro para inspirar as diversas gerações. Tornei-me ilustrador por apreciar grandes artistas e grandes histórias, então desejo que esse ciclo sempre se renove.